

## TRANScidade ou a cidade do Eros liberado

Eduardo Rocha Lima<sup>1</sup> e Eduardo Rocha<sup>2</sup>

Acredito que a superação das atuais categorias separadas e antitéticas da sexualidade será transexual e que na transexualidade se reunirá a síntese una e múltipla das expressões do Eros liberado (Mieli, 1977, p. 36-37).

Para delinear a ideia de TRANScidade, tema deste dossiê, trazemos Mario Mieli, filósofo, “autor bicha afeminado”, como ele se dizia, e militante político italiano. Em sua breve existência<sup>3</sup> enquanto pensador da teoria revolucionária de base marxista, Mieli vai questionar a norma da “monossexualidade” heterossexual como base única e absoluta das relações sociais e da construção epistêmica de um pensamento de esquerda que se pretende revolucionário, ao mesmo tempo que reproduz opressões históricas com relação às expressões das sexualidades que não cabem na norma da família patriarcal burguesa monossexual, alicerces de sustentação do “heterocapitalismo”. Escreve Mario: “nossa revolução se opõe ao capital e à sua Norma, e tem a libertação universal como seu objetivo” (Mieli, 2023, p. 280)

Entendendo a natureza estrutural e institucional da heterossexualidade e profundamente influenciado pelo debate psicanalítico, Mieli busca em Freud a ideia de uma sexualidade infantil polimórfica e perversa, portanto desligada de um determinismo único biológico, a qual estaria latente em todo e qualquer ser humano, mas que é profundamente reprimida pelo que Mieli com humor e ironia chama de “educastração”. Esta castração atuante como processo educativo do sujeito social ele entende enquanto a relação de subordinação que a criança se encontra em face dos seus genitores e de toda a sociedade por meio de suas instituições, centradas na Norma monossexual:

A resposta imediata é que isso ocorre por obra da *educastração*, ou mesmo pela influência que exerce sobre o indivíduo a sociedade, o mundo ‘externo’, no qual vigora uma Norma monossexual, que a repressão perpetua de geração em geração. Todavia, a Norma monossexual é decisivamente heterossexual, e a *educastração* que tende a afirmá-la universalmente faz com que, em relação à maior parte das pessoas, a monossexualidade se apresente atualmente como heterossexualidade. A Norma rege-se sobre a mutilação do Eros e, em particular, sobre a condenação da homossexualidade (Mieli, 2023, p. 40).

Precursor das ideias que apenas no início dos anos de 1990 seriam reunidas como “Teoria *Queer*”, Mieli, em 1977, cria expressões e subverte lógicas do pensamento teórico que lhe constitui para inserir nos seus escritos formas de existências não conformes com uma normatividade que se pretende universal e sob a qual a sua

própria existência não encontra lugar. O entendimento da Norma como algo criado pela necessidade de sustentação do processo da (re)produção do capital e alheio a uma forma originária da sexualidade humana (polimórfica e perversa), conecta Marx e Freud em uma articulação do pensamento em busca do reconhecimento e da legitimação de certas formas de se expressar no mundo (para além da cisheterossexual) que atingirá propulsão bem mais potente e difusa, na construção do conhecimento, mais de uma década depois dos escritos de Mieli, que pouco circularam e pouco encontraram eco entre os seus contemporâneos.

Portanto, é importante entender que a “transexualidade”, para Mieli, muito mais que a expressão de um corpo com gênero inconforme com o sexo pelo qual foi resignado no seu nascimento, como entendemos hoje, significa existências humanas com Eros não normatizado ou não mutilado, mas sim liberado para o fluxo dos seus desejos e pulsões. Existências eróticas subversivas da “educastração” e criadoras de corpos e de relações sexuais múltiplas, independente de genitálias e das convenções definidoras do que seria o “masculino” ou o “feminino”.

É a partir dessa ideia de “transexualidade” que pensamos a TRANScidade que aparece como tema da edição número 30 da Revista Pixo. Nos interessou para este número reunir artigos, ensaios fotográficos e entrevistas que espelhem formas de existências que são inconformes com a monossexualidade normativa e que são, também, produtoras de espaços, territórios e cidades. A cidade do Eros liberado acontece nas entrelinhas da cidade formal, normatizada, capitalista. Seja em ações coletivas de ocupação de áreas urbanas específicas – em diferentes momentos, que podem variar do lazer aos momentos de protestos políticos –, seja em ações pontuais e corriqueiras de um corpo sexo-gênero dissidente solitário que caminha pelas ruas no exercício de sua vida cotidiana.

A ideia de TRANScidade antes de afirmar uma identidade espacial específica e vinculada aos gêneros e às sexualidades dissidentes dos sujeitos que a ocupa – numa espécie de defesa que legitimaria diversos “guetos comerciais” (Barilli, 2023) nas cidades, articulados pelo *pink money* que constantemente aproxima as dissidências sexuais de uma estética e de uma moral heterossexual –, ela defende cidades abertas às inúmeras e inusitadas possibilidades eróticas entre sujeitos que as vivenciam, desbancando, pelo contrário, o lugar uno identitário não questionado e aceito como tácito da monossexualidade heterossexual. A TRANScidade se desenha e estrutura pelo aparecer em público dos diversos corpos que a compõem, afirmando uma relação intrínseca, que é social e política, entre corpo e espaço.

O processo reflexivo com as cidades e seus polimórficos corpos, a partir da potência política transformadora de estruturas normativas das existências dissidentes, abre perspectivas para a produção de narrativas sobre as cidades incorporadas de formas astuciosas e destemidas da construção de si, em paralelo com a delimitação do seu “espaço de aparecimento” (Butler, 2018). O aparecer em público aqui entendido como exercício de cidadania plena; cidadania essa constantemente negada a muitos sujeitos pela impossibilidade do caminhar pelo espaço público urbano sem o recebimento de nenhum tipo de violência moral, psíquica ou física.

Para construirmos e vivermos em cidades menos violentas e mais democráticas para mulheres e pessoas inconformes com o binarismo de gênero e com a monossexualidade heterossexual – as TRANScidades –, precisamos aprender com os arranjos de rearticulação do social e do espaço praticados pelas formas de vidas dissidentes. Aprender com o caráter experimental de vidas que, por não se encaixarem nos costumes e nas estruturas preexistentes à sua presença, precisam encontrar seus pares na articulação de outras formas de ser e de ocupar o mundo.

<sup>1</sup> Arquiteto Urbanista, doutor em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC – UFBA).

<sup>2</sup> Doutor em Arquitetura, Mestre em Educação, Especialista em Patrimônio Cultural, Arquiteto e Urbanista. Email: eduardo.rocha@ufpel.edu.br

<sup>3</sup> Mieli nasceu na Itália em 1952 e faleceu no mesmo país em 1983 aos 31 anos de idade, vítima da AIDS. Sua principal obra é o livro *Elementi di critica omosessuale*, escrito em 1976, como trabalho final da sua graduação em filosofia e publicado em 1977. No Brasil, a obra foi traduzida apenas em 2023 e ganhou o título: Por um Comunismo Transexual: elementos de crítica homossexual, pela Editora Boitempo.

A Revista Pixo traz, neste número, uma reflexão crítica sobre as dinâmicas urbanas contemporâneas, abordando resistência, criação e transformação. Dividida em cinco seções principais, esta edição reúne 25 Artigos e Ensaio, dois ensaios fotográficos na seção Parede Branca, uma Entrevista e um trabalho na seção Processos & Projetos, compondo um panorama sobre as relações entre corpos e a cidade.

A seção Autores Convidados oferece reflexões sobre as interações entre corpos, territórios e a cidade. Silvana de Souza Nascimento, em CIDADE-DESEJO-TRAVESTI: Urbanidades trans às margens das cidades, explora como as urbanidades trans e travestis são construídas nas margens da cidade, destacando formas de resistência e sobrevivência dessas populações. Eduardo Rocha Lima e Yuri Nascimento Paes da Costa, em HABITAR É PRECISO, CONVIVER COM VIOLÊNCIA NÃO É PRECISO, discutem os desafios habitacionais da população LGBTQIA+ e como as políticas públicas podem ser mais inclusivas e sensíveis às necessidades dessa população.

A seção Parede Branca apresenta dois ensaios fotográficos. CAMINHADAS: Uma foto-performance urbana, da Cartografia Sexuada de Salvador, explora os corpos em movimento nas ruas da cidade, desafiando a visão tradicional da cidade como um espaço estático. A PIRRAÇA URBANA DE TALIBOY apresenta um trabalho visual que utiliza a cidade como campo de experimentação, questionando as convenções estéticas e sociais, proposto por Eduardo Rocha Lima.

A seção Artigos e Ensaio apresenta uma variedade de textos que discutem corpo, gênero e cidade. Yuri da Costa e Carlos Henrique de Lima, em O CORPO QUE CONSTRÓI, discutem a sexopolítica e o direito à habitação da população LGBTQIA+ em três países da América Latina. Vinícius Goulart Silvério e Maribel Aliaga Fuentes, em O PHALLOGOCENTRISMO ENQUANTO DIRETRIZ PROJETUAL, abordam como o design de banheiros públicos reproduz desigualdades de gênero.

Fernando Freitas Fuão e Tais Beltrame dos Santos, em NOTAS AOS AMANTES DA NOITE, investigam a problemática feminina e acadêmica por meio das caminhografias noturnas na cidade. Aracele Rocha Mahfuz, Gisele Pereira e Adriana Araujo Portella, em VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SUAS INTERSECCIONALIDADES NOS DESLOCAMENTOS A PÉ, analisam as vivências de mulheres plurais em Pelotas/RS, discutindo como a violência de gênero afeta as experiências no espaço urbano.

Abraão P. O. Nóbrega e Ana G. Negrão, em EU SÓ QUERIA ANDAR EM PAZ, discutem os padrões de violência enfrentados por pessoas trans em bairros de João Pessoa/PB. Débora Loro, Julia Pozebon, Maisa Gabrieli de Souza, Beatriz Fernandes Figueiredo, Nati de Castro Fernandes, Évelyn Paniz Possebom e Clarissa Squizani Manske, em MINHA BOCA É UM TÚMULO...ARROMBADO, investigam as complexas experiências de pessoas trans em Santa Maria/RS.

Ramon Leme e Hélio Hirao, em CORPOS INVISÍVEIS, discutem a invisibilidade de pessoas em situação de rua, enquanto Leonardo Ferreira e Vera Lucia Tiek Sugihiro, em A CIDADE É TRANS E TRAVESTI, exploram as territorialidades trans em Londrina. Fernanda Guadagnin, Renata Guadagnin e Angelo Brandelli Costa, em VIDA DE PESSOAS TRANSEXUAIS E A VIOLÊNCIA AMBIENTAL NO RS, discutem a violência ambiental contra pessoas trans no Rio Grande do Sul.

Cassio Rafael Meneses Giacomini e Walter Matias Lima, em O PLANEJAMENTO URBANO INCLUI AS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS?, questionam a inclusão de travestis e transexuais nos planos urbanos. João Soares Pena, em UM PLANO PARA O CENTRO DE AMSTERDÃ, analisa a renovação urbana do Red Light District, refletindo sobre os impactos da gentrificação. Caroline Rodrigues e Miriam Cléa Coelho Almeida,

em A CIDADE-ARMÁRIO COMO SÍNTESE DIALÉTICA CONTRADITÓRIA DA ABJEÇÃO DOS SUJEITOS ININTELIGÍVEIS, discutem a cidade como um “armário” que cria espaços de opressão e resistência.

Gustavo Lemke Truppel e Marina Toneli Siqueira, em PARA ALÉM DO BINARISMO DE GÊNERO, analisam as disputas de poder e o direito à cidade a partir de uma perspectiva queer. João Pedro Silveira-Martins, em DAS REDES SOCIAIS PARA A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM BELO HORIZONTE, discute a utopia carnavalesca e transfeminista da Praia da Estação, revelando o potencial das redes sociais na organização e ocupação do espaço público.

Andressa Mueller, Paulo Reyes e Bruno Mello, em BRINCA-SE A FANTASIA, CRIAR SE A SI MESMO, discutem o papel da estética no Carnaval e sua relação com as dissidências de gênero e sexualidade. Eles também exploram, em O CORPO E A RUA, como a performance de gênero no Carnaval transforma a cidade em um espaço de resistência e liberdade. Alexandre Pajeú Moura, em IMAGENS, ACERVOS E CIDADE, aproxima o coletivo Salve Rainha de Torquato Neto, refletindo sobre as imagens e os acervos urbanos. Taliboy, em ESCRITA DE ARTIVISTA, analisa as práticas visuais enquanto jogos urbanos identitários, abordando as masculinidades dissidentes nas ruas.

Fernanda Nascimento e Jane Victal, em PAISAGEM CULTURAL EM TRANS-ITO, exploram a iconografia urbana de Campinas/SP, enquanto Isadora de Almeida Dutra, Júlia Garcia Monzillo e Ana Cabral, em PRODUZINDO RECORTES, CRIANDO VISIBILIDADES, discutem intervenções urbanas realizadas com grupos LGBTQIAPN+ na cidade de Volta Redonda. Juliana Artuso e Rovenir Bertola Duarte, em CARTOGRAFIA DO TRANSBORDAMENTO, discutem o Minhocão/SP como um espaço de resistência.

Camila de Freitas Moraes, em CORPOS TRANS E A FESTA DA CHIQUITA, reflete sobre a festa como um espaço de resistência, enquanto Eduardo Oliveira Soares, em ENCRUZILHADAS NO CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM DO PARÁ, investiga a relação entre religião e espaço urbano durante o Círio de Nazaré.

Concluimos com a Entrevista com Márcio Caetano, intitulada QUANDO OUSAMOS EXISTIR, conduzida por Eduardo Rocha e Tais Beltrame dos Santos. Caetano compartilha suas reflexões sobre as lutas urbanas e a resistência de corpos dissidentes, propondo uma nova perspectiva sobre as cidades inclusivas e acolhedoras.

Finalizando a edição, a seção Processos & Projetos apresenta o trabalho de María Paz Sánchez Morales e Enrique Rivadeneira Barrios, SUPERANDO OBSTÁCULOS URBANOS: La Resiliencia de la Comunidad LGBTQ+ ante la Homofobia y la Marginalidad a través del Collage en los espacios públicos. Este projeto propõe uma reflexão sobre como a arte pode ser usada para reconfigurar o espaço público e promover a visibilidade e resistência da comunidade LGBTQ+.

Agradecemos ao artista Taliboy pelas imagens que ilustram as capas desta edição. Sua obra, que explora arte, identidade e resistência, complementa de maneira significativa as discussões apresentadas.

Esperamos que esta edição inspire novas ações e reflexões para a construção de uma cidade mais inclusiva e justa para todos!

## Referências

BARILLI, Gianni. A Revolução no Corpo. In: MIELI, Mario. *Por um Comunismo Transexual: elementos de crítica homossexual*. São Paulo: Boitempo, 2023.

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MIELI, Mario. *Por um Comunismo Transexual: elementos de crítica homossexual*. São Paulo: Boitempo, 2023.